

O ANALFABETO POÉTICO

José D'Assunção Barros (UFRRJ)¹
<http://orcid.org/0000-0002-3974-0263>

O Analfabeto Poético
Não sabe que a verdadeira vida
Depende da poesia

Ele estufa o peito
Orgulhoso de sua racionalidade
E do seu vazio de sentimentos

Lá se vai ele, com seu riso bobo
e tão previsível
Sempre pela mesma estrada

Zomba dos que sentem
Despreza os que fazem versos
E nunca amou as mulheres
(No máximo,
Intrometeu-se entre elas)

O Analfabeto Poético
Admite a Política, mas não a Poética
Não sabe que a verdadeira Política
Depende da Poesia

¹ José D'Assunção Barros, doutor em História (UFF), Professor-Associado da UFRRJ e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ.

Pretende mudar o mundo
Com pequenas operações cirúrgicas,
A golpe de marteladas,
Ou com canetas tecnocráticas,
Mas não tem sensibilidade poética para perceber
O que precisa ser mudado

O Analfabeto Poético
Reconhece a Ciência, mas não a Poesia
Não sabe, ele, que não há ciência
Sem que haja em si poesia

(Em sua matemática rústica
Ele confunde ciência,
Com tecnologia)

Sabe talvez ganhar dinheiro, o Analfabeto Poético,
E o reverte para ganhar ainda mais dinheiro
O que tem tudo isso a ver com a Poesia?
Ele pergunta, sentado sobre uma pilha de escrituras
E apólices de seguro

Nos restaurantes, pede o prato mais caro, sem capacidade para saboreá-lo
Compra um sistema de som de alta fidelidade
Sem ter nenhum gosto para a Música

Ouviu falar que existem mulheres bonitas
E por isso deseja comprá-las
Para exibir para outros como ele
Mas quando consegue aparentemente tê-las
Não consegue extrair delas um simples sorriso
Realmente verdadeiro

Ele não percebe que, para que a luz do sol adentre
A despretensiva janela da sala de pregões da Bolsa de Valores,
É preciso ter capacidade poética para perceber a luz, para além da luz

O Analfabeto Poético declara-se um homem prático

Por ele, seriam abolidos os livros
Que não fossem tratados ou manuais

Por ele não haveria música,
Não haveria pranto
Não haveria riso...

O Analfabeto Poético dissolve-se
Em meio a todas as banalidades

(Dedicado à genial obra poética, dramática,
ensaística e política de Berthold Brecht)